

**Canção popular e pós-modernidade:
*A outra voz*¹ na letra da canção
“Alma nova”, de Zeca Baleiro**

**Popular song and postmodernity: *A
outra voz* on the lyrics of the song
“Alma Nova” (New Soul) by Zeca
Baleiro**

**Canción popular y la
posmodernidad: *A outra voz* en la
letra de la canción “Alma Nova”
por Zeca Baleiro**

Elaine Lima Viana²

Recebido em: 23/3/2012

Aceito para publicação em: 11/6/2012

¹ PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993. Conceito de Octavio Paz sobre a voz que fala na poesia, “a voz das paixões e das visões”.

² Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, pelo Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL/UnB. Linha de concentração: representação na literatura contemporânea. Orientadora: Dra. Sylvia Helena Cyntião.

Resumo: Este estudo propõe-se a debater a poesia na pós-modernidade, com base nos conceitos de Octavio Paz em *A outra voz*, além de fazer uma interpretação de sua expressão mais nova – a canção popular – como forma de identidade do sujeito que fala no tempo atual. Pretende-se aqui discutir a letra da canção “Alma nova”, de Zeca Baleiro (2005), compositor maranhense de renome cuja temática se volta para as questões amorosas e a crítica à sociedade de consumo na contemporaneidade.

Palavras-chave: poesia; canção popular; pós-modernidade; Zeca Baleiro; Octavio Paz.

Abstract: This study proposes to discuss the poetry in postmodernity, based on the concepts of Octavio Paz in *A outra voz (The other voice)*, in addition to making an interpretation of its latest expression – the popular song – as a form of identity of the subject who speaks at the present time. Here is intended to discuss the lyrics “Alma Nova” (“New Soul”), by Zeca Baleiro (2005), renowned composer from Maranhão whose subject are the issues of love and the critique of contemporary consumer society.

Keywords: poetry; popular song; postmodernity; Zeca Baleiro; Octavio Paz.

Resumen: Este estudio se propone discutir la poesía de la posmodernidad, basada en los conceptos de Octavio Paz en *A outra voz (La otra voz)*, además de hacer una interpretación de su más reciente expresión – la canción popular – como una forma de identidad del sujeto que habla en el momento actual. Aquí se pretende discutir la letra “Alma Nova” por Zeca Baleiro (2005), reconocido compositor de Maranhão, cuyo tema trata de amor y crítica de la sociedad de consumo contemporánea.

Palabras clave: poesía; canción popular; posmodernidad; Zeca Baleiro; Octavio Paz.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a debater a relação entre poesia, canção popular e amor na pós-modernidade. Com base na análise e interpretação da letra da música “Alma nova”, de Zeca Baleiro, deseja-se identificar a voz que fala por uma coletividade no período atual. Os aportes teóricos principais são as obras *A outra voz*, de Octavio Paz; *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, de Zygmunt Bauman, e *A era do vazio*, de Gilles Lipovetsky. O objetivo é identificar características da poesia pós-moderna na obra de Paz e localizá-las na canção popular citada, fazendo uma explanação entre teoria e obra literária, visto que aqui a letra será tratada como tal.

O livro *A outra voz*, de Octavio Paz (1993), é composto por vários ensaios que discutem a situação da poesia na contemporaneidade, a partir do século XX – o que se poderia chamar de período pós-moderno. Entretanto o próprio autor renega essa denominação e diz que “ao período atual se tem chamado de pós-moderno. Nome equivocado. Se nossa época é pós-moderna, como chamarão a sua época nossos netos?” (PAZ, 1993, p. 6).

A segunda parte do livro é inteiramente dedicada à relação entre poesia e pós-modernidade ou contemporaneidade, como o autor prefere chamar esse período. Paz questiona quem e quantos são os leitores de poesia, já que o mundo atual está voltado para questões individuais e há um esvaziamento de sentido nas relações sociais. A pergunta feita pelo autor não tem sentido se estiver esvaziada de seu conceito social; ao questionar “quantos e quem lê poesia”, o autor indaga a quantidade de leitores, mas também de que

classe, em que época, em que espaço eles tiveram acesso ao conteúdo poético e de que maneira este foi ressignificado para o indivíduo leitor.

A era pós-moderna está marcada por conflitos internos e sociais causados pela ordem política e social da democratização da informação – o que acaba por refletir significadamente no indivíduo dessa época. Ele é receptor de informações e conteúdos a todo tempo, de forma a fazê-lo se identificar com alguns deles ainda que temporariamente; assim o sujeito passa a ser descentrado, fragmentado. Na apresentação de *A era do vazio* (LIPOVETSKY, 2005), Juremir Machado da Silva diz que

a era do vazio é um tempo de comunicação. Não mais da comunicação como conteúdo ou mensagem, no sentido moralizador desse termo, mas a comunicação com forma de contato, expressão de desejos, emancipação do jugo utilitário. [...] A pós-modernidade consagrou a possibilidade de viver sem sentido, ou seja, de não crer na existência de um único e categórico sentido, mas de apostar na construção permanente de sentidos múltiplos, provisórios, individuais, grupais ou simplesmente fictícios.

FRAGMENTADO SUJEITO PÓS-MODERNO

*Não sei de nada e não sou de ninguém*³.

O sujeito do terceiro milênio possui múltiplas identidades, e por conta disso se nota uma soma de fragmentos aos quais ele vai se aproximando ao longo da existência. Não é possível caracterizá-lo por um traço fixo, imutável, pois a todo momento ele muda; desse modo, torna-se incoerente reduzi-lo a uma única identidade. O homem, em virtude da sua natureza social, tem necessidade de interagir com o meio, ser aceito socialmente por um grupo, pertencer a uma determinada comunidade para que ele se sinta acolhido e representado. Desse sentimento de pertencer a algum lugar decorre a necessidade de uma identidade nacional, compartilhada com aqueles que são semelhantes. Segundo Ernest Geilner (1983 *apud* HALL, 1998, p. 53), “sem o sentimento de identificação nacional o sujeito experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva”. Isso se dá por causa da grande precisão de ser aceito, ter consigo o pertencimento, o que a princípio parece incoerente, visto que as interações no mundo globalizado são cosmopolitas e menos regionais.

Com a quantidade de informações e intercâmbios na pós-modernidade, é impossível que o sujeito esteja imune a esse sentimento de nacionalidade. Pelo menos em algum momento ele terá necessidade do pertencimento, e negar essa existência seria apenas “uma construção cômoda sobre a própria história ou uma confortadora narrativa do eu” (HALL, 1998, p. 14).

Assim, o sujeito da pós-modernidade é “bombardeado” de informações pelos vários centros de cultura e relações sociais que ele tece ao longo da vida. Essas relações refletem no seu comportamento em sociedade, por conta do sentimento de pertencimento que cada ser tem ao apresentar um vínculo social com algum grupo. Para Hall (1998), houve uma mudança de concepção da identidade na atualidade, e a evolução deu-se na relação que o indivíduo compartilha com o outro. É como se “o sujeito estivesse se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1998, p. 12).

³ Cigarro (*in* BALEIRO, 2005).